

***HOMENAGEM
PÓSTUMA***



Cinco Centenários

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE*

Senhor Presidente Ednilo Soárez,
Prezados confrades,
Senhores Sócios Beneméritos Roberto Proença de Macedo e Roberto Sérgio Ferreira,
Senhoras e Senhores!

Este Instituto, a mais antiga entidade cultural do Estado do Ceará, cumpre o sagrado dever de, nesta noite, reverenciar seus sócios efetivos que, se vivos fossem, completariam uma centúria de vida neste ano de 2013. Manifesto meu agradecimento ao Presidente Ednilo Soárez pela sua afoiteza em conceder-me essa honraria de externar o sentimento do Instituto, haja vista que a missão é confiada a um sócio novato. Todavia, esse magnânimo e ousado gesto é desculpável pois o Presidente Ednilo tem ciência que me filio à corrente de “que a história do Instituto do Ceará é a do documento preciso e seco contra a polêmica, a política, a ideologia e a falsa interpretação”, no dizer de Nertan Macedo. Longe de mim chegar aqui e dizer que a tarefa é extenuante e espinhosa. Não! A tarefa é fácil e prazerosa; os dados informativos estão excessivamente dispostos na *Revista do Instituto*, publicada sem interrupção desde 1887, na *Revista da Academia Cearense de Letras*, no *O CEARÁ*, de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, na *História da Literatura Cearense*, de Dolor Barreira, e na *Cronologia Ilustrada*, do nosso consócio Nirez. O difícil é fazer, diante da abundância de informações, uma resenha biográfica de personalidades que tanto representaram para o nosso Estado na vida política, administrativa e cultural,

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

sobretudo de cinco vultos dos mais fulgurantes, em tempo relativamente reduzido, para observar a exigência do Estatuto que nos rege. É uma sinopse. Portanto, muitos aspectos não serão abordados, mesmo porque não se trata de uma biografia exaustiva mas tem o sentido de dar cumprimento a um ritual simbólico de perenidade dos nossos predecessores. Falarei seguidamente de Francisco Martins, Francisco Alves de Andrade e Castro, José Parsifal Barroso, Oswaldo de Oliveira Riedel e Maria da Conceição Sousa, usando como critério cronológico a data do ingresso no Instituto do Ceará. Sempre que possível tentarei encontrar um ponto de interseção entre os resenhados e outros sócios.

FRANCISCO MARTINS (FRAN)

Posse no Instituto: 27.06.1948 Falecimento: 29.06.1996

Integrante eminente do clã dos Terésios, nasceu no Iguatu em 13.03.1913. Francisco Martins, por aconselhamento de seu irmão Antônio Martins Filho, abreviou o prenome para FRAN para veiculação nos meios literários; diante da aceitação plena, o prenome abreviado foi adotado para sempre.

Em 1934 estreia com o livro de contos *Manipueira*. E prosseguiu, publicando o romance *Ponta de Rua* (1937), *Poço de Paus* (1938), *Estrela do Pastor* (1942), *Mundo Perdido* (1946) e muitos outros. Segundo os críticos, sua melhor obra é a novela *Dois de Ouros*, de 1966. Em 1942, é eleito presidente da Associação dos Escritores do Brasil, secção do Ceará.

Em 1937, juntamente com seu irmão Cláudio, formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Ceará da qual se tornou o mestre insuperável de Direito Comercial. Uma turma de notáveis, dentre outros: Candido Couto, Paulo Elpidio de Menezes Filho, Colombo de Sousa, Olavo de Sousa, Flávio Marcilio, Murilo Mota, os irmãos João Hipólito (do Instituto do Ceará), e José Maria Campos de Oliveira, Hilário Gaspar, Autran Nunes, José Cardoso de Alencar, Walter de Sá Cavalcante, Raul Carneiro, Hugo Magalhães Porto (o único remanescente), Othon Sobral, Gomes Sales, Wilson Gonçalves, Américo Barreira, Zacarias do Amaral Vieira, José do Nascimento, Lauro Maciel e Raimundo Borges (orador da turma), que recentemente morreu com mais de 100 anos de idade no Crato onde residia e era advogado de reconhecida competência.

Casou-se com Tais Montenegro e desse enlace nasceu Tais Eliana, que foi casada com Pedro Luís Philomeno Gomes da Silva, bisneto do nosso fundador Júlio César da Fonseca Filho, gerando Francisco Stênio Martins Philomeno Gomes da Silva, genro do nosso sócio benemérito Roberto Macedo. O que significa dizer que os netos de Roberto (Remo, Bernardo e Luca) são também descendentes do nosso fundador Júlio Cesar. Tais faleceu em 14 de março de 1944.

Enviuvando, Fran Martins casa-se com a escritora Lúcia Fernandes, da prestigiada família Fernandes do Rio Grande do Norte, e forma o único casal membro do Grupo Clã. A esse memorável grupo literário também pertencerem os sócios deste Instituto Antônio Martins Filho, Eduardo Campos e Mozart Soriano Aderaldo.

Dessa nova união também deixou descendência, destacando-se a dra. Vania, casada com o empresário Francisco de Assis Bezerra de Menezes (O Crica), da numerosa família que gerou o historiador Antônio Bezerra de Menezes, um dos nossos fundadores, o médico João Batista Saraiva Leão, o advogado Francisco de Assis Arruda Furtado, o historiador Fernando Câmara e o genealogista Eduardo Bezerra de Castro Neto, todas figuras eminentes do Instituto do Ceará, os dois últimos entre os alicerces atuais desta instituição.

Fran integrou a Academia Cearense de Letras com seus irmãos Antônio e Cláudio, não na mesma faixa de tempo, como aconteceu aqui no Instituto: Antônio, Fran e Cláudio foram Sócios Efetivos do Instituto do Ceará simultaneamente, fato inusitado, agora repetido na Academia Cearense Letras com os irmãos Luciano, Virgílio e Napoleão Maia.

Sobreleva notar que o outro irmão, o poeta José Martins D'Alvarez, Reitor *pro tempore* da Universidade Federal de Goiás, era Sócio Correspondente do Instituto desde 1946, pois residia no Rio de Janeiro. Há sobradas razões para presumir-se que se morasse em Fortaleza seria o quarto irmão no Instituto.

Aos 35 anos ingressou no Instituto do Ceará, para ocupar a vaga decorrente do falecimento de Leonardo Mota, e foi substituído por seu sobrinho José Murilo de Carvalho Martins.

A exemplo de seus irmãos Antônio e Cláudio, foi admitido em Rotary Internacional, dele se tornando Governador no período de 1957/1958, o que aconteceria também com seu irmão Cláudio.

Dentre outros cargos públicos, ocupou a direção do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, uma projeção do DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda do governo federal. Na área cultural, presidiu o Teatro Escola do Ceará e dirigiu a Revista Clã.

Como jornalista, atingiu o ponto alto de sua carreira como Diretor do jornal O ESTADO.

Mas é sobretudo como professor de Direito que Fran Martins se notabilizou. Os livros na área do Direito Comercial, de sua autoria, foram acatados nacionalmente e seus Pareceres jurídicos eram acolhidos sem dubiedade. Foi um verdadeiro Mestre!

Para concluir, é de se registrar que Fran Martins está presente entre nós através dos sócios efetivos José Murilo de Carvalho Martins, seu sobrinho, e Paulo Elpídio de Menezes Neto, sobrinho-afim.

FRANCISCO ALVES DE ANDRADE E CASTRO

Posse no Instituto: 30.03.1951 Falecimento: 06.10.2001

50 anos de atividades no Instituto do Ceará; sua profícua e intensa atuação é demonstrada pelo nosso confrade Pedro Alberto de Oliveira Silva na Revista do ano de 2001; são catalogados 33 trabalhos, alguns de densa profundidade. Francisco Alves de Andrade e Castro, o dr. Chico Alves, como era mais conhecido, nasceu em 21.11.1913 em Mombaça, antiga Maria Pereira, numa homenagem à primitiva sesmeira daquelas terras.

“Basta.

Não posso mais.

Eu quero ver a minha terra

Com os olhos de menino.

Tragam a vaca Chita Fina

e o meu carneiro Jasmin.

Hei de ver florido

o meu Riso do Prado.

Quero dar o meu peito ao Banabuiú,

descendo nas águas barrentas,

cobertas de troncos e de espumas...

Quero vir com ele,
rolando para o Mar,
o grande mar da saudade,
dos serros azulados, bordando a terra verde
dos campos sem fim!...”

Eis aí o poeta Chico Alves, impregnado de amor telúrico, cantando a sua terra. Nesse poema, alude ao Juiz de Paz, Cel. Olímpio Vieira, o qual respondendo a um consulente que lhe indagou: Coronel, vossa mercê, que é juiz, me diga, quando uma promissória prescreve? QUANDO O VELHACO ASSINA!!, respondeu Olímpio Vieira.

E aqui, a terra do poeta merece uma breve retrospectiva. Aliás, o melhor que se poderia dizer de Mombaça ele o disse na robusta apresentação de 20 páginas feita em “*Mombaça – Biografia de um Sertão*”, de Augusto Tavares de Sá e Benevides”.

Todavia e numa homenagem ao dr. Chico Alves, trago uma colaboração ainda não divulgada ou pouco conhecida. Com efeito, em 10 de janeiro de 1831, na Sala das Sessões do Conselho Geral da Província do Ceará, o Conselheiro Angelo José da Espectação Mendonça apresenta a seguinte proposta com artigo único: “Fica creada na Povoação de Mumbaça (sic) huma Freguezia com os limites, que for justamente convencionado entre os respectivos Parochos”.

A proposta estava embasada com os termos: “Os habitantes da Povoação de Mumbaça, aonde há huma boa Capella, filial a Matris de Quixeramobim experimentão grande falta de pasto Espiritual por ficarem na distância de 20 legoas sem que tenham outro recurso, porque a Matris de Arneiroz para onde podião recorrer, fica muito mais longe de sorte que quando não axão hum Capellão, não recebem Administração alguma e apenas se desobrigão de anno em anno, quando não passa de anno”.

No ano seguinte, ou seja, em 06 de setembro de 1832, os mombacenses foram agraciados com Decreto criando a Freguezia de Nossa Senhora da Glória de Mombaça, desmembrada da Paróquia de Quixeramobim.

Dos párocos de Mombaça, merecem destaques os sacerdotes Antônio José Sarmiento Benevides (o sexto pároco), João Antônio do Nascimento e Sá (o oitavo pároco) e Pedro Leão Paes de Andrade (o décimo segundo); agregue-se a esses o Padre Francisco Lino Aderaldo

de Aquino (natural de Mombaça e que morreu pároco da vizinha cidade de Senador Pompeu, mas está sepultado na Matriz de Nossa Senhora da Glória, em Mombaça).

Nestes casos, não por si, mas por colaterais, esses levitas geraram uma plêiade de intelectuais que se encaminharam, direta ou indiretamente, ora para a Academia Cearense de Letras ora para o Instituto do Ceará ou para ambas as instituições e também para outras entidades de semelhante natureza.

Da família do Padre Sarmiento, provem Artur Eduardo Benevides, Mauro Benevides e Dayse Benevides, casada com o nosso consócio João Alfredo Montenegro. Mauro Benevides é destacado membro deste Instituto e da Academia Cearense de Letras, enquanto Artur Eduardo Benevides, tio do nosso Mauro Benevides, é o Príncipe dos Poetas Cearenses.

O Padre Sarmiento Benevides representou a maior força política em Mombaça em todos os tempos. Deputado Provincial em 8 biênios, verdadeiramente é o fundador da família Benevides no Ceará, vinda da Paraíba, e responsável pela exuberante potência econômica e política da família em Mombaça.

Da família do Padre João Antônio do Nascimento e Sá (que era parente do Padre Sarmiento e sobrinho do Padre João do Nascimento e Sá, o 1º. pároco de Pedra Branca) descendem nossa consócia Zélia Sá Viana Camurça, neta de Tertuliano Vieira do Nascimento e Sá, e Ofélia Cavalcante do Nascimento e Sá, neta de Joaquim Pereira do Nascimento e Sá e filha do juiz Enéas Cavalcante do Nascimento e Sá, esposa do antigo sócio efetivo Martinz de Aguiar.

Da família do padre Lino Aderaldo, vem seu sobrinho Plácido Aderaldo Castelo, Mozart Soriano Aderaldo, e Noemi Elisa Aderaldo.

O Padre Lino tinha forte influência política em Senador Pompeu, medindo forças com o médico Alcides Barreira; seu prestígio acentuou-se no governo do dr. Menezes Pimentel, sendo decisivo o seu apoio para a ascensão do sobrinho Plácido Aderaldo Castelo à Secretaria da Fazenda e de seu jovem primo, de 22 anos, Mozart Soriano Aderaldo, para as funções de Interventor em Senador Pompeu. Ambos, Plácido e Mozart, foram figuras exponenciais deste Instituto.

E finalmente, de colateral do Padre Pedro Leão procede o dr. Francisco Alves de Andrade e Castro. Ao traçar o esboço biográfico do

Padre Lino Aderaldo, em trabalho intitulado *O Presbítero e os Sertões*, o dr. Chico Alves enuncia que o Padre Pedro era seu tio e preceptor. É interessante verificar que os demais irmãos do dr. Chico Alves, Josafá, Lourival e Antônio, grafam seus agnômes com o Paes de Andrade, simplesmente porque a mãe, nos registros, ora utilizava o nome do marido (Castro) ora o sobrenome do pai (Andrade).

Entre os Andrades e os Aderaldos havia um forte vínculo familiar aumentando a justificativa da estreita ligação entre os Padres Lino e Pedro Leão.

Certamente o preceptor infundiu em seu pupilo o gosto pelas belas letras, pois dele são os dois quartetos:

“Quando da vida, no fragor horrendo,
A dor esmaga de saudade infinda,
O alento esvai-se, a existência finda,
À campa desce o infeliz gemendo.

É nesta quadra de viver morrendo,
Que a vida é morte no viver ainda,
A morte é vida, primavera linda,
Que o justo ganha, no viver, morrendo”.

É do dr. Chico Alves a afirmativa: “Devo aos meus professores do Seminário, meus conhecimentos sociológicos, filosóficos e humanismo cristão”.

Ainda no Seminário, aos 20 anos, escreveu seu primeiro poema. E Artur Eduardo Benevides o incluiu na sua “Antologia de Poetas Bissexto do Ceará”.

É interessante verificar que anos mais tarde Artur Eduardo Benevides e Chico Alves disputaram entre si uma vaga na Academia Cearense de Letras.

Plácido Aderaldo Castelo, no trabalho sobre o Seminário da Prainha publicado na *Revista do Instituto do Ceará* relativa ao ano de 1964, percebeu bem a influência daquela escola de formação cívica, humanística e cristã sobre a nossa juventude, sobretudo aquela oriunda do interior.

A rígida disciplina e o sistemático ensino foram decisivos na formação do caráter do seminarista Francisco Alves de Andrade e Castro. O regime era de internato rigoroso; os 20 artigos do regulamento do Seminário, elaborado pelo Reitor Padre Chevalier, proibia a leitura de jornais e romances perniciosos, as palavras picantes e grosseiras, a bebida e o fumo, o demasiado comprimento dos cabelos, as unturas, os cheiros e outras leviandades, são palavras textuais; era dever do seminarista mostrar-se sempre respeitoso e obediente aos seus superiores, e também benévolos, honestos e respeitando-se mutuamente e amando-se segundo os preceitos de Jesus Cristo.

As tarefas se iniciavam às 5.15h, com o levantar-se e a arrumação da cama; todos os demais horários, afora os reservados às refeições, estavam preenchidos com estudo e oração, e breves recreios, encerrando-os o dia com o apagar das luzes às 9.15h.

Esse aprendizado foi fundamental em sua vida, mas despedido da vocação sacerdotal, Chico Alves investe seus talentos na carreira da formação superior de agronomia e em 1938 é graduado na Escola de Agronomia do Ceará, sendo o orador da turma discorrendo sobre o tema “Estudaremos o Nordeste”.

Ainda não satisfeito, ingressa da Faculdade de Direito e forma-se na turma de 1942.

Exerceu influentes cargos públicos, ressaltando-se sua presença no Conselho Deliberativo da SUDENE como representante do Ceará, mas a sua vocação eram as letras e o ensino. Por isso, dedicou-se primordialmente ao magistério na Escola de Agronomia como Catedrático de Zootecnia e em decorrência recebeu os títulos de Professor Emérito, da Universidade Federal do Ceará, e de Professor *Honoris Causa*, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Rio Grande do Norte.

Em respeito à sua produção literária, foi eleito em 21 de novembro de 1970 para ocupar a cadeira nº 6 da Academia Cearense de Letras, atualmente titulada pelo escritor e poeta Virgílio Maia.

De seu casamento com a escritora Raimundinha Negreiros nasceram Régis, agrônomo e professor universitário, Tereza Cristina, formada em Letras e Pedagogia na Universidade Federal do Ceará, Pedro José e Paulo Alexandre, ambos médicos.

Para se ter um retrato completo do técnico, poeta, sociólogo e latinista Francisco Alves de Andrade e Castro é necessário ler sua

Apresentação, em 40 páginas, do livro Protohistória Cearense, do sábio Pompeu Sobrinho, em segunda edição da Universidade Federal do Ceará, de 1980; o perfil traçado pelo consócio Oswaldo Evandro Carneiro Martins, na Revista do ano de 2001, e a bibliografia elaborada pelo consócio Pedro Alberto de Oliveira Silva, publicada na mesma Revista de 2001.

JOSÉ PARSIFAL BARROSO

Posse no Instituto: 04.12.1967 Falecimento: 26.04.1986

Nasceu em Fortaleza em 05.07.1913. É impossível falar de José Parsifal Barroso sem evocar as terras santas do Canindé, onde se fincam suas mais profundas raízes.

No Século XIX, o Coronel Paulino Joaquim Barroso, filho de Joaquim Inácio Vieira e de Antônia Maria de Jesus Barroso, casado com Francisca Carolina, filha de Zacharias Vieira da Costa e de Maria Luiza Gondim da Costa, exerceu diversas atividades em Canindé: Coronel da Guarda Nacional, Professor Primário, Delegado de Polícia, Vereador de 1861 a 1873 e Juiz Municipal. Era comerciante e fazendeiro. Transferindo-se para Fortaleza, estabeleceu-se como comerciante e foi Mordomo da Santa Casa. Integrou ainda a última Câmara de Vereadores de Fortaleza do período monárquico. Faleceu em Fortaleza no dia 04 de novembro de 1916.

Zacarias Vieira da Costa, sogro do Cel. Paulino Barroso, além de notário público em Canindé, era professor de música e de latim. Foi avô dos musicólogos Galdino José Gondim e Zacarias Tomás da Costa Gondim.

Do casamento de Paulino Barroso com Carolina nasceram: Adolfo – casado com Mariana Cabral; Amália – casada com o Dr. Pedro Gomes da Frota; Joaquim – casado com Olga Jansenn – pais do Gen. Oscar Jansenn Barroso, que comandou a 10ª RM; Dr. Hermínio; Esmerino – Vereador em Fortaleza e Mordomo da Santa Casa, cargos que exerceu até sua morte. Casado com Maria Mendes Bastos, filha do Dr. Francisco Paurilio Fernandes Bastos e de Maria Mendes Bastos. São os pais do compositor e teatrólogo Paurilio Barroso; Engenheiro Euclides Barroso - Deputado Federal. Durante muitos

anos Diretor Geral dos Correios e Telégrafos; Emilia – casada com o Dr. Eduardo Guilherme Oswaldo Studart, irmão do Barão de Studart; Deputado Federal, Juiz Federal, Mordono da Santa Casa. Fundador da Academia Cearense de Letras. E finalmente, Amélia Barroso Salgado – casada com o Médico Eduardo da Rocha Salgado, pais de Ester, eximia pianista e fundadora do Conservatório Alberto Nepomuceno, casada com o médico Eliezer Studart da Fonseca, tio-avô do confrade Gonzaga Mota.

Dos filhos do Cel. Paulino Barroso, é de se destacar o Dr. Hermino, pai de Parsifal; estudou música na Alemanha; ao retornar fez concurso para professor de Alemão do Liceu do Ceará, de onde se tornou Diretor. Graduado em Direito em 1907, logo a seguir viu-se aprovado em concurso para a cadeira de Direito Internacional Privado. Foi Deputado Federal. Aficionado pelas obras do compositor Wagner e disso deu mostras ao batizar seus filhos como Parsifal, Bruneilda e Siglinda. Saindo da rota wagneriana, fez concessão a uma filha, que recebeu o nome de Maria José, futura esposa do Senador Olavo Oliveira. Parsifal tinha um verdadeiro temor reverencial pelo cunhado que lhe era mais velho 20 anos. Mas, quis o destino que os fraternos amigos se defrontassem nas eleições de 1954, Parsifal elegendo-se Senador da República derrotando seu cunhado Olavo Oliveira.

Parsifal concluiu seu curso de direito em 1933, sendo o orador da turma e tendo como colegas, dentre outros, Hugo Vitor Guimarães e Silva e Antônio Filgueiras Lima, futuros sócios efetivos do Instituto do Ceará, e Madaleno Girão Barroso, sobrinho-neto do Cel. Paulino Barroso. O discurso pronunciado como orador de sua turma mereceu o destaque de ser publicado no jornal *O Nordeste*, de 12 de dezembro de 1933.

Uma singularidade! Parsifal tem um tríptico entrelaçamento com a família do Barão de Studart, um dos nossos fundadores. O 1º, através do casamento de sua tia Amália com o deputado Eduardo Studart; o 2º, através de sua prima legítima Ester casada com o dr. Eliezer Studart da Fonseca, conforme dito, tio-avô do nosso confrade Gonzaga Mota, e o 3º por intermédio do casamento de sua filha Vera com o deputado federal, pelo Rio de Janeiro, Francisco José Ferreira Studart.

Seguindo a trilha aberta por seu pai, dedicou-se à política, à música, e sobretudo ao magistério. Aos 17 anos era professor de Química no Colégio Cearense dos Maristas, no Colégio da Imaculada Conceição

e em outros colégios de Fortaleza e, ao atingir a maioridade civil, professor de alemão no Liceu do Ceará. Gozava de elevado conceito entre seus alunos e disso temos a prova quando as professorandas do Imaculada, do ano de 1939, o escolheram para Parainfô da turma. Poliglota. Professor de Sociologia, Professor de Filosofia no Seminário da Prainha, Professor na Faculdade de Ciências Econômicas. Fluente em 5 idiomas, destacando-se o Latim.

Como admirador de Wagner, a exemplo de seu pai, também o homenageou nomeando alguns de seus filhos como Roberto Parsifal e Siglinda. Em 1936, elegeu-se deputado estadual classista. Parsifal deve seu ingresso na política partidária ao seu cunhado Olavo Oliveira, que estruturou os sindicatos classistas, fazendo-o Deputado Estadual em 1936 pelo Sindicato dos Professores. Deste, Parsifal foi o primeiro Presidente. O deputado classista fora uma criação da Constituição de 1934. Teve o mandato cassado pela Justiça Eleitoral em 1937. Durante o exercício do seu mandato travou veementes embates com os integralistas Carlos Eduardo (Carlito) Benevides, (pai do confrade Mauro Benevides), e Ubirajara Índio do Ceará.

Em 1947, com o apoio de seu sogro Chico Monte, elege-se deputado estadual pelo PSD e vai combater a ideologia comunista representada por Pontes Neto, seu compadre. Posteriormente, é eleito para a Câmara dos Deputados. E lá cumpre a espinhosa missão partidária de defender um rico comerciante cearense, acusado de condutas ilícitas pelo deputado Armando Falcão e que em troca, além de outras humilhações, lhe impõe a derrota ao dr. Tancredo Halley de Alcântara, seu candidato ao Senado.

Percebe-se, portanto, que a política e a música estão intimamente ligadas a Parsifal Barroso. A política, transmitida geneticamente pelo avô Paulino Barroso e pelo seu pai, deputado Hermino Barroso, chefe de uma influente corrente partidária, de que é testemunha o nosso historiador Fernando Câmara, de vez que seu pai, o Tabelião Miguel Fenelon Câmara, de Quixeramobim, a ele se filiava.

Em 04 de outubro de 1937 casa-se com Raimunda Olga Xerez Monte, filha de Francisco de Almeida Monte (o poderoso deputado Chico Monte, de Sobral) e de Maria de Lourdes Xerez Parente Monte. Neta paterna do dr. João Julio de Almeida Monte e de Raimunda Olga de Almeida Monte e neta materna do dr. José de Xerez e de Olindina

Parente Xerez. Vê-se em consequência que d. Olga procede da mesma estirpe do consócio Ésio de Sousa, descendentes que são do capitão mor José de Xerez Furna Uchoa, o introdutor do café no Ceará nos anos setecentos.

Parsifal Barroso destacou-se por sua polivalência; em 1932, ainda acadêmico, é o orador oficial de solenidade realizada na Casa de Juvenal Galeno, então o centro das atividades culturais de Fortaleza; Leonardo Mota anotou que em 09 de maio de 1942, Parsifal Barroso, Antonio Girão Barroso, Otacilio Colares, Aluisio Medeiros e Mário Sobreira de Andrade concedem entrevistas ao jornal “Correio do Ceará” sobre o Congresso de Poesia a ser instalado no dia 01 de agosto de 1942 no Teatro José de Alencar; na abertura desse Congresso falaram os futuros sócios do Instituto o quase ainda adolescente Eduardo Campos e o já consagrado poeta Filgueiras Lima, ressaltando-se o fato inusitado de que Eduardo Campos (com 19 anos) leu o discurso, preparado por Mário Sobreira de Andrade, de costas para a plateia, consoante rememora Mozart Soriano Aderaldo. Digno de registro é saber-se que as reuniões preparatórias do Congresso de Poesia aconteceram no recinto do Instituto do Ceará. E a propósito, como contraponto, instalou-se no dia 15 de agosto do mesmo ano, no Crato, o Congresso sem Poesia, com discurso inaugural proferido pelo também futuro Sócio Efetivo deste Instituto, Renato Braga.

Em 1938 é eleito Presidente do Instituto de Difusão e Cultura Constitucional.

Dentro dessa multifacetada ação, em abril de 1948 Parsifal inicia uma série de palestras sobre “O Romantismo na Música”.

Como Governador do Estado do Ceará, Parsifal, conforme depõe em suas *Vivências Políticas*, ao aceitar sugestão do Gen. Castelo Branco, engendrou a UNIÃO PELO CEARÁ, inconcebível pacto político resultante do conúbio entre o PSD e a UDN. Atribui-se que a gênese dessa união teve origem no seguinte fato: deu-se uma vaga de desembargador no Tribunal de Justiça, a ser preenchida por Advogado.

Os desembargadores queriam em seu seio o renomado advogado Olinto Oliveira. Trabalharam no sentido de que ao governador não restasse outra opção. Elaboraram a lista com os nomes de Olinto Oliveira, Antônio de Alencar Araripe e Ademar do Nascimento Fernandes Távora. Os dois últimos eram notoriamente udenistas, sendo Ademar

tio do Cel. Virgílio Távora, derrotado por Parsifal no pleito anterior para Governador. Contrariando todas as expectativas, Ademar Távora foi o escolhido. Na eleição seguinte, Virgílio Távora, com o apoio de Parsifal, que permaneceu à frente do governo até o final do mandato, elegeu-se Governador.

Esse fato por si só propicia uma visão ampla da personalidade de Parsifal; homem verdadeiramente cristão, conciliador, afável, bem humorado, humilde e bom. Como governador, ia à noite, em seu próprio carro, proferir aulas na Faculdade de Filosofia. Outros tempos!

Mas não cuidou exclusivamente da ação política, relembre-se que o projeto de vanguarda do arquiteto Sergio Bernardes, concernente ao Palácio da Abolição, teve sua execução iniciada no governo de Parsifal Barroso.

Anote-se que Parsifal, em 1935, foi um dos fundadores da Sociedade de Geografia e História. Em 1985, por ocasião da comemoração do cinquentenário da Sociedade de Geografia e História, Parsifal foi o orador oficial da solenidade, nominando os sócios fundadores (Revista da Sociedade de Geografia e História, vol. XI, ano 1985). E em história também foi proficiente, dando-se como exemplo o seu Parecer subscrito por Geraldo Nobre, publicado na Revista do Instituto do Ceará do ano de 1969, extirpando todas as possíveis dúvidas quanto ao pioneirismo de Vicente Pinzon, cabendo ao Ceará haver proporcionado ao mundo civilizado a primeira visão do Brasil.

Contribuiu para o conhecimento do homem cearense, escrevendo *O Cearense* e delineou um perfil histórico da influência da Casa Boris sobre a economia do Ceará, ao publicar *Um Francês Cearense*.

Quase ao concluir, registre-se que se conhece somente um equívoco de natureza histórica cometido por Parsifal; de fato, a *História Política do Ceará*, de sua autoria, consigna que o deputado Graccho Cardoso foi genro do Comendador Antônio Pinto Nogueira Acioly, o grande oligarca do Ceará, quando em verdade os registros genealógicos atestam que somente o Senador e Ministro Francisco Sá, o general Raimundo Borges (sogro do Governador Juraci Magalhães, da Bahia) e o médico Francisco Jorge de Sousa, professor e diretor da Faculdade de Direito do Ceará, foram os genros de Nogueira Acioly.

Todavia, o equívoco é escusado, pois Graccho Cardoso foi mais que um genro de Acioli. Sob a proteção de Acioli, o sergipano Graccho

foi tudo no Ceará. Secretário de Estado, Deputado Federal, Vice-Presidente do Ceará. Professor de grego no Liceu do Ceará. Todavia, segundo o cáustico João Brígido, ao aparecer um candidato à disciplina de grego, providenciou-se a prisão do pretense aluno, pois o professor era jejuno na matéria. Coisas de João Brígido! Com a queda de Acioli, Graccho Cardoso retornou para Sergipe e lá também foi tudo. Culminou sua vida política como deputado federal na Assembleia Nacional Constituinte de 1946, chegando a presidir as sessões preparatórias. Morreu repentinamente no exercício do mandato.

Cremos que o Brasil foi injusto com Parsifal, porquanto dadas as suas características de poliglota, historiador, musicista, filósofo, sociólogo, jornalista, professor, e de procurador autárquico, deveria ter terminada sua vida pública como Ministro do Supremo Tribunal Federal ou outro Tribunal Superior como aconteceu com o seu Vice-Governador Wilson Gonçalves e não numa Corte de Contas do Distrito Federal.

Em respeito à verdade, relembre-se que houve uma tentativa frustrada de elevar Parsifal à condição de Ministro do Tribunal Superior do Trabalho.

Finalmente, Parsifal Barroso foi o Senador da República que todo Suplente gostaria de ter como titular. O Suplente Fausto Augusto Borges Cabral, filho de Raul Conrado Cabral e genro de Antônio da Frota Gentil, ocupou a vaga de Parsifal por quase todo o mandato, pois Parsifal durante aproximadamente 3 anos exerceu o cargo de Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio do Presidente Juscelino e em seguida renunciou ao mandato de Senador para cumprir integralmente o mandato de Governador do Estado do Ceará, para servir de fiador ao plano político que concebera, como ele o diz em suas *Vivências Políticas*.

Era um homem culto, humilde, simples e de quem poder-se-ia dizer como o poeta Filgueiras Lima, seu colega de turma na Faculdade de Direito, compadre e confrade neste Instituto, disse homenageando o pai Silvino Filgueiras:

“Seren e justo, Deus te fez um forte, ante as ingratidões de todo grau que te feriram, sem mudar-te o norte. Com a tua vida do mais puro tom, tu me ensinaste quanto é mau ser mau e me provastes quanto é bom ser bom”.

OSWALDO DE OLIVEIRA RIEDEL

Posse no Instituto: 04.11.1969 Falecimento: 21.01.1989

Nascido na cosmopolita Curitiba, em 20.07.1913, cuja base demográfica se assenta sobre 52 nacionalidades, Oswaldo de Oliveira Riedel tem ascendência genética alemã.

Formado em Farmácia no ano de 1934, inicia em 1935 como Aspirante a Oficial sua carreira no Exército, sendo designado para servir em Fortaleza. Em 1941, casa-se com Ivone Montenegro, sua aluna do Colégio São João, prima carnal das gêmeas Tais (casada com Fran Martins) e Maria Júlia (casada com o Senador Antônio Jucá).

Diferente da cosmopolita Curitiba, embora também de costumes provincianos, Fortaleza contudo apresenta uma efervescência política e cultural de natureza inigualável. O Ceará é o único estado da federação, em 1935, a eleger um deputado federal pela Liga Eleitoral Católica (LEC), o comendador Luís Cavalcante Sucupira, que em 1942 seria eleito Sócio Efetivo deste Instituto; sob a LEC, mas pertencendo à Ação Integralista elegeu também o capitão Jeová Mota. A LEC, no Ceará, tornou-se um partido político sob o controle do arcebispo, d. Manoel da Silva Gomes, caso também único no Brasil; a LEC foi o suporte político para a eleição do dr. Menezes Pimentel, eleito com a diferença de 1 voto numa nervosa eleição indireta procedida pela Assembleia Legislativa em 25 de maio de 1935; os cearenses, através de Severino Sombra, Jeová Mota e Padre Helder Câmara, criam a Legião Cearense do Trabalho e tentam influenciar Plínio Salgado, o chefe nacional incontestável do integralismo, que tinha entre suas metas combater o comunismo, mas a ele aderem incondicionalmente, de modo que Jeová Mota é nomeado chefe provincial no Ceará. Severino Sombra era tenente do Exército e Jeová Mota, capitão. Os três, tempos depois, abjuram o integralismo, sendo que o capitão Jeová Mota, em 1946, vai candidatar-se a Senador exatamente pelo Partido Comunista, o partido que tanto combatera.

A tudo isso contemplou o 1º tenente Oswaldo de Oliveira Riedel, mas nesses eventos não se envolveu. Seus interesses eram outros.

Em 1936 vai ensinar Inglês e Ciências Físicas e Naturais no Colégio Militar do Ceará; o Colégio Militar preparava a elite do exér-

cito nacional atraindo jovens dos demais estados do nordeste e norte. Formava o Exército do Norte, no jargão castrense. Havia somente 3 colégios militares: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Fortaleza. Para se aquilatar o nível do ensino ministrado no Colégio Militar, é suficiente relembrar que somente em 25 de maio de 1935 o governo cria uma cadeira de Inglês na Escola Normal, mas por incrível que pareça em 18 de setembro seguinte o mesmo governo expede decreto suspendendo a execução do decreto que criara a cadeira de Inglês na Escola Normal. O Colégio Militar do Ceará era o encantamento de muitos jovens que ali depositavam suas esperanças. Pois bem, como sempre acontece com os desmentidos das autoridades, o Cel. Dracon Barreto, comandante do Colégio Militar do Ceará, em 6 de junho de 1938 vem a público desmentir que se pretendia extinguir o CMF. Em 23 de agosto, todavia, o governo federal transfere o CMC para a jurisdição do Ministério da Educação, devendo referido estabelecimento denominar-se “Colégio Floriano”. Imagine-se a comoção que foi provocada nos jovens alunos e nas suas famílias. O cônego-doutor Misael Gomes, que atingiu o generalato, um dos mais ilustres integrantes deste Instituto, assumiu interinamente a direção do “Colégio Floriano”. E o Cel. Dracon Barreto? Foi transferido para o Rio de Janeiro e logo após retornou ao Ceará para chefiar o poderoso Departamento Administrativo do Estado e foi vivamente recepcionado com banquetes e discursos. E os alunos do Colégio Militar, ou melhor, do Colégio Floriano passaram a vítimas de chacotas e pilhérias, de tal modo que a Chefia de Polícia em 26 de agosto de 1938, diante dos desagradáveis incidentes ocorridos na cidade de Fortaleza, expediu Nota Oficial advertindo que iria agir severamente contra quem dirigisse pilhérias aos alunos do Colégio Militar, por este ter sido transferido para o Ministério da Educação. Como teria reagido o tenente-professor Riedel ante o quadro que se lhe apresentou? Não deixou depoimento sobre isso, pelo menos não está na sua bibliografia pesquisada. Pelo seu temperamento lhano, pelo seu caminhar que parecia estar flutuando, é provável que silenciosamente tenha discordado de seus superiores na tomada da prejudicial decisão, ainda mais porque de certo modo sarcástico o Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra declarou em 6 de setembro de 1938 que a transferência do Colégio Militar do Ceará para o Ministério da Educação trouxe novas e maiores vantagens aos estudantes nordestinos.

A cidade continuava comovida com os distúrbios decorrentes da extinção do Colégio Militar, quando na manhã do 25 de setembro de 1938 abate-se sobre a cidade a triste notícia do falecimento do médico Guilherme Studart, o Barão, fundador e pedra angular deste Instituto, e à tardinha do mesmo dia a população quase inteira esteve presente no sepultamento daquele fundador do Instituto do Ceará, fundador do Centro Médico Cearense e benemérito Presidente da Associação dos Vicentinos durante 42 anos. Certamente a notícia causou profundo impacto no farmacêutico e futuro médico Oswaldo Riedel.

Mas ainda na sua chegada em 1935 viu talentosos jovens concluindo o curso superior na Faculdade de Direito, nem todos voltados para a carreira jurídica é certo, como é exemplo os bacharéis Edilson Brasil Soares (pai do nosso presidente Ednito) e Luciano Cavalcante Mota (pai da nossa consócia Angela Gutierrez) e Antônio Dias de Macedo (tio do Sócio Benemérito Roberto Macedo) numa turma que teve como orador Álvaro Costa, uma das mais completas inteligências que o Ceará agasalhou em seu berço. O período foi muito fértil em todas áreas, mas tenho que ser sucinto.

Também viu em 1941 a chegada a Fortaleza de D. Antônio de Almeida Lustosa, 2º arcebispo de Fortaleza, sucedendo a d. Manoel da Silva Gomes, que ao renunciar recebeu o título de Arcebispo Titular de Viminácio; D. Lustosa vinha do arcebispado do Pará precedido da aura de santidade e da fama de possuir invulgar cultura e que em 1944 ingressaria nos quadros do Instituto do Ceará como Sócio Efetivo. E que muitos anos depois teve a sua causa de beatificação postulada pelo grande amigo e colega-médico de Oswaldo Riedel, o notável genealogista Vinicius Barros Leal, personalidade que honrou este Instituto.

Provido de robusta carga cultural, já fluente em inglês e alemão, Oswaldo Riedel logo se entrosou no ambiente intelectual da terra, de tal forma que como 1º tenente, ao lado do poeta Filgueiras Lima, discursou na sessão magna realizada no dia 7 de setembro de 1941 no Teatro José de Alencar na data comemorativa do Dia da Pátria. Também na inauguração do Hospital Militar de Fortaleza, isso em 10 de novembro de 1942, é o orador oficial.

Além de lecionar no Colégio Militar, Riedel emprestou sua colaboração à Faculdade de Farmácia e Odontologia, ensinando Química

Industrial até 1944, quando foi removido para o Rio de Janeiro. No Rio, em 1945, prestou vestibular e concluiu o curso de medicina em 1950. Promovido a capitão, retornou a Fortaleza e reiniciou suas atividades docentes como professor de Química da Escola Preparatória de Fortaleza, unidade militar criada em 1942 para amenizar o prejuízo causado com a extinção do Colégio Militar em 1938. Dentre seus alunos, podemos contar o nosso confrade Affonso Taboza, hoje coronel da reserva do Exército.

Em 1951, transferiu-se definitivamente para o Quadro de Magistério do Exército atingindo o posto de General de Brigada em 1965, movimentando-se então para a Reserva.

Liberado das atividades docentes militares, ingressou mediante concurso nos quadros da Universidade Federal do Ceará lecionando no Curso de Farmácia. Como professor do Curso de Farmácia revelou-se o pesquisador profundo, abordando em 1971 no Rio de Janeiro o tema “A maconha como ponto de partida para outras toxicomanias” em encontro promovido pela Academia Nacional de Farmácia. Tema de tanto interesse na atualidade.

Ao mesmo tempo, dedicou-se como Pediatra às atividades médicas com consultório próprio. Adquiriu tanto renome na nova profissão que em 1958 foi o orador oficial da X Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria realizada em Fortaleza.

Em 4 de novembro de 1969 tomou posse neste Instituto e veio agregar seu honrado nome aos dos médicos Guilherme Studart, José Sombra, Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes, José Lino da Justa, Carlos Studart Filho, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Carlos da Costa Ribeiro, Josa Magalhães, João Batista Saraiva Leão, Florival Seraine e Vinicius Barros Leal. A nobre profissão teve continuidade com José Borges Sales, José Murilo de Carvalho Martins e Lúcio Gonçalves de Alcântara.

Oswaldo de Oliveira Riedel escreveu 50 trabalhos de natureza científica e 30 trabalhos de cunho cultural. Era poliglota, exercendo pleno domínio sobre o alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, russo, grego e latim. Era membro da Academia Cearense de Medicina, da Academia Brasileira de Medicina, da Academia Cearense de Farmácia e da Sociedade Brasileira de Pediatria.

MARIA DA CONCEIÇÃO SOUSA

Posse no Instituto: 21.06.1982 Falecimento: 09.02.1991

Nasceu em Fortaleza em 21.09.1913, filha do Major Procópio de Sousa, da Polícia Militar, e de sua esposa Maria Luiza.

“Este 4º. volume da HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE deveu, em grande parte, o material de que se constituiu à demorada e incansável pesquisa através de livros e jornais velhos, como ocorrera com os volumes anteriores.

Continuou e prosseguiu o infatigável esforço, tenaz e ininterrupto, de quase cinco anos, por arquivos bolorentos e empoeirados, de onde pudemos extrair os subsídios e as achegas com que, beneditamente, conseguimos confeccioná-lo.

Pois bem: tudo isso, que nada representa, mas que é de eficiência decisiva em trabalhos dessa ordem, o fizemos por intermédio de D. Maria da Conceição Sousa, que não só reuniu a matéria prima de que se compõe este 4º. volume, mas pôs à nossa disposição elementos não despreciandos com que nos habilitou ao preparo do 5º volume seguinte, de que em breve cuidaremos.

Foram, assim, inestimáveis o auxílio e a coajduação que dela recebemos, nos quais nunca arrefeceu ou descorçoou, alimentando-nos e avigorando-nos – muito ao invés – essa coragem e esse entusiasmo com que acreditamos levar a feliz termo empreendimento de tal sorte.

Devemos-lhe, também, o cansativo e fatigante serviço de dactilografia e revisão tipográfica.

Agradecido
DOLOR BARREIRA”

Este é o depoimento do professor Dolor Barreira, notável civilista e diretor da Faculdade de Direito. Membro da Academia Cearense de Letras e Sócio eminente deste Instituto. Sem a eficaz colaboração de Conceição, o Ceará não teria a sua monumental história da literatura, subscrita por Dolor Barreira.

Esta é também a oportunidade que se me apresenta para render publicamente a minha gratidão a Maria da Conceição Sousa. Sem o contributo dela eu não estaria aqui. A minha exaustiva pesquisa histórica sobre o Manezinho do Bispo, a maior figura folclórica do Ceará, baseou-se em pesquisa inconclusa de Conceição. Não sei as razões pelas quais não a concluiu e repassou o rascunho para o meu sogro, o poeta Antônio Girão Barroso, e este a mim transmitiu. O poeta morreu e nem inventário foi feito, pois não tinha bens materiais, mas deixou uma enorme herança constituída de bens imateriais.

A vida de Conceição foi um labor perene em favor dos intelectuais de nossa terra. Já em 1962, Nertan Macedo publica um artigo intitulado *D. Conceição a que trabalha para os outros*. Elegeu a Biblioteconomia como campo de seus interesses, após dedicar parte de sua existência ao magistério. Professora formada pela Escola Normal de Fortaleza, dirigiu as escolas públicas de Pavuna (Pacatuba) e Pindoretama; ensinou no Jardim de Infância da Casa da Criança e no Patronato de Nossa Auxiliadora (ambos em Fortaleza). Ainda no magistério, exerceu o cargo de Diretora da Escola Doméstica da Legião Brasileira de Assistência. Na antiga Diretoria Geral de Educação, hoje Secretaria de Educação, desempenhou as funções de Auxiliar Técnica de Educação, participando da equipe do Pe. Helder Câmara. Durante muitos anos ficou à disposição do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, de onde se tornou Secretária Executiva.

Aprimorou seus estudos no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, no Rio de Janeiro, o que lhe deu autoridade técnica para implantar a Biblioteca Central da Universidade Federal do Ceará. Estruturou o Curso de Biblioteconomia da mesma Universidade e foi nomeada sua primeira Diretora, o que lhe ensinou ser *patronesse* da I Turma de Bachareis em Biblioteconomia e Documentação da UFC (1967). Fundou a Associação das Bibliotecárias do Ceará e participou como Sócia da Sociedade de Geografia e História do Ceará.

Organizou as bibliotecas do Instituto do Ceará, da Academia Cearense Letras, do Colégio Militar, do IBEU, do IBGE, da Associação Cearense de Imprensa, da Casa de Juvenal Galeno, e das Faculdades de Filosofia do Crato e de Limoeiro.

No Ceará, no campo da bibliografia, Conceição ainda não foi superada. São de sua autoria: Catálogo da 1ª Exposição do Livro Feminino

no Ceará (Casa de Juvenal Galeno), 1967; Estudos Bibliográficos Cearenses, 1972; Autor Cearense – Índice de Bibliografias, Editora UFC-1982; José Alcides Pinto Bibliografado, 1977; Dolor Barreira – Bibliografia, 1966; Dados Bibliográficos do Escritor Carlos Studart Filho, 1978; Fortaleza – Roteiro Bibliográfico, 1973; Cláudio Martins – Curriculum Vitae, 1981; bibliografia da revista VALOR, editada por Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, publicada na revista ASPECTOS, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

Em co-autoria com Raimundo Girão publicou o *Dicionário da Literatura Cearense*, editado pela Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

Entre suas obras, merece realce o INDICE TEMÁTICO ANOTADO DA REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, com 451 páginas, de 1988, em edição comemorativa do 1º Centenário do Instituto. É livro essencial para os estudiosos das coisas do Ceará. Nesta matéria, o Instituto está bem servido. Dispõe ainda do monumental INDICE ANOTADO, do historiador José Honório Rodrigues e de sua esposa, historiadora Leda Boechat Rodrigues, para os quais o nosso abnegado Pedro Alberto de Oliveira Silva vem dando prosseguimento com singular competência.

Conceição abriu a vereda para muitos pesquisadores; por exemplo, quem quiser se inteirar da bibliografia sobre o que se escreveu sobre genealogia no Ceará, terá que compulsar o índice elaborado por Conceição.

Conceição não se casou, mas a fecundidade do seu coração fez com que criasse como filha sua sobrinha Olindina, com quem passou seus últimos dias na cidade de Natal, após ser vítima de um AVC aqui em Fortaleza. Faleceu aos 77 anos em 09 de fevereiro de 1991 e seu corpo foi velado no Instituto do Ceará.

Felizmente, Conceição deixou uma filha espiritual entre nós: Madalena Figueiredo, bibliotecária-chefe da Academia Cearense de Letras e responsável pelo Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, erudita e de memória prodigiosa, sempre disposta a também servir.

D. Olga Barroso, em trabalho publicado, afirmou que Conceição “procurava os pormenores dos fatos históricos e culturais das nossas letras, tirando dúvidas, coligindo dados em velhos documentos. Escritores, poetas, professores e alunos a ela recorreram para dirimir

dúvidas e colher dados com os quais pudessem elaborar seus escritos”. Por isso dela se disse que “é o Pronto-Socorro desses intelectuais”.

Afável, bem humorada, vivia para servir. Brincalhona que era, inventou uma fórmula para informalmente escrever seu nome:

$$\begin{array}{r} \text{CON} \\ \hline 6 \\ \hline \text{SÃO} \end{array}$$

(Discurso pronunciado em 20 de novembro de 2013).